

1

**BELEZAS EM DESFILE E A CIDADE DE COPACABANA POR CÉSAR NUNES -
UM DIA NA PRAIA EM COPACABANA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XX.**

Renata Vellozo Gomes

Mestre em Artes Visuais PPGAV/UFRJ

UFRJ

renatavgomes@yahoo.com.br

O presente trabalho apresenta dois cinejornais brasileiros, de autoria do produtor César Nunes, intitulados “Belezas em desfile” e “A Cidade de Copacabana” acompanhados de uma sucinta biografia do autor. Acreditamos que o cinejornal pode ser um instrumento de resgate da cultura de uma sociedade, funcionando como testemunha documental do que aconteceu. Os dois filmes de cinejornais têm o bairro de Copacabana e sua praia como cenário principal e abordam as pessoas comuns, os cidadãos, no contexto que faz parte do cotidiano carioca: o ir à praia. Os registros fílmicos são em preto e branco, narrados e com um fundo musical instrumental. Não há entrevistas nem áudio local, apenas as imagens dos documentos cine-jornalísticos que beiram um tom propagandista do bairro de Copacabana e da cidade do Rio de Janeiro, mostrando como é bom estar naquele local e desfrutar das vantagens e da beleza natural do lugar. No catálogo do Arquivo Nacional, onde estão depositados esses arquivos, estes foram datados como sendo da década de 1960.

Referencial teórico-metodológico:

Em uma publicação organizada por Maria Helena Capelato, Eduardo Morettin, Marcos Napolitano e Elias Thomé Saliba, destaco o artigo do pesquisador José Inácio de Melo e Souza onde há um relato sobre as possibilidades de investigação usando o cinejornal como fonte para a pesquisa. O privilégio dado aos filmes de ficção foi um

2

estigma carregado pelos cinejornais até o fim, Melo e Souza também observa que nas produções dos jornais cinematográficos o peso dado aos acontecimentos políticos é uma marca comum em quase todas as produtoras que existiram, que muitas vezes dependiam de contratos com governos e prefeituras para se financiarem, deixando as pessoas comuns e os acontecimentos triviais de lado para movimentar a vida política através desse interessante instrumento de comunicação às massas. Vejamos o que ele diz:

O trabalho com cinejornais está longe de ser uma atividade fácil ou mesmo de gratificação imediata. Os resultados surgem após um longo percurso de arranjo e organização da documentação – situação que vem sendo minorada pela organização dos arquivos -, análise cuidadosa das imagens, muitas vezes após detalhadas decupagens da película impressionada pela câmera e da voz gravada na banda sonora, que reforça o sentido por ela proposto. (...) Diante da fragmentação com que esses acervos chegaram aos arquivos de imagens, os cuidados do historiador sobre a abordagem do documento são os habituais: confrontação com outras fontes escritas ou outros arquivos de imagens. (...) O trabalho de leitura de uma série de cinejornais é uma questão em aberto. (p. 132)

Ele destaca também que o desafio da leitura proposto pelos cinejornais é tão complexo quanto o dos filmes de ficção. Diz que faltam fichas técnicas e documentação escrita sobre as filmagens. A estrutura de um cinejornal não é a mesma de um filme de ficção. Então todo o método de análise de um filme deve ser repensado, embora alguns métodos clássicos de análise de imagem sejam utilizados para cumprir esta etapa. A estrutura de um cinejornal se baseia no relato jornalístico de um acontecimento. Mas essa técnica emprega métodos do cinema para incrementar e constituir a sua própria identidade em termos de mídia.

Os cinejornais ainda são muito pouco estudados no Brasil, há muito ainda o que desvendar. Em uma pesquisa no portal de teses e dissertações do sistema CAPES temos 15 entradas para o termo “cinejornal” e 25 entradas para o termo “cinejornais”. Temos pelo menos alguns lugares responsáveis pela guarda, preservação, manutenção ao acesso público desses documentos audiovisuais: como por exemplo a Cinemateca

3

Brasileira, em São Paulo e o Arquivo Nacional, sede regional do Rio de Janeiro. O cinejornal é uma mídia que “nasceu” e “morreu” durante o século XX, ou seja, estão extintos. Tudo o que se sabe e o que se tem sobre essas relíquias imagéticas ficaram sobre custódia de um desses órgãos públicos que detém a guarda desses documentos. No âmbito da história do Brasil, a produção cine-jornalística brasileira é uma ferramenta importante que percorreu a consolidação de uma nação, acompanhando seus governantes e suas realizações, assim como os demais acontecimentos da sociedade. Algumas produtoras de cinejornais que atuaram no país foram: Atlântida Cinematográfica, Canal 100, Primo Carbonari, Carriço Film, César Nunes e Agência Nacional. O grande fascínio do cinejornal é agregar momentos de informação com um espetáculo de imagens. Em poucos minutos uma vasta plateia era atingida por sequências de registros marcantes, de modo que a função social deste meio tinha uma importância fundamental. Sabemos que além da mídia escrita, os jornais e as revistas, o rádio tinha sido por muito tempo o grande propagador de informação. Mas nada mais inovador e sedutor do que experimentar os acontecimentos reportados através de imagens em movimento. O cinejornal era atualizado semanalmente para exibição nas salas de cinema e, mesmo com uma distância temporal de alguns dias para o acontecido, o interesse por ver as imagens do fato passado era intenso. Entendemos esse fenômeno ao imaginarmos as cenas com os gols dos campeonatos de futebol resumidas em cinejornais do Canal 100 ou então as *misses* em eventos sociais retratados pela Agência Nacional (GOMES, 2007).

O produtor César Nunes e o estado do seu acervo:

César Nunes nasceu em 26 de julho de 1920 e viveu até 1990. Meu contato com sua vida e obra se deu com uma biografia bem sucinta no catálogo de cinejornais que consta para pesquisa no Arquivo Nacional, o que foi incipiente. Porém um dos seus netos, o Sr. Márcio Nunes, busca preservar a obra do avô e se dispõe a dar entrevistas. Sr. Márcio é o detentor de um acervo particular em Petrópolis, cidade da Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, onde a produtora se estabeleceu, e por meio dele pude começar a entender um pouco mais sobre quem foi o produtor César Nunes. O breve contato com o Sr. Márcio Nunes pode dar conta da lacuna biográfica que ainda existe.

4

Na conversa que tivemos em setembro de 2014 estava também presente o Sr. Alexandre Pena, cineasta e colaborador do acervo.

De um modo geral pode-se dizer que César Nunes foi um apaixonado pela cinematografia e que a César Nunes Produções, fundada em 1940 na cidade de Petrópolis, apesar de ser uma pequena produtora, teve uma atuação relevante enquanto existiu. Esta criou e produziu a “Revista da Tela”, um cinejornal com edições semanais sobre Petrópolis, sobre o Rio de Janeiro (ainda capital) e mais tarde sobre Niterói, além de documentários e institucionais para grandes empresas e grandes obras urbanísticas de governantes.

Em entrevista o Sr. Márcio Nunes me falou que a produtora de pequeno porte atuou também para servir como banco de imagens para redes de televisão consagradas no mercado como a TV Globo e a TV Bandeirantes, mas não sabe informar o período no qual ela prestou esse serviço. O principal escritório da produtora localizava-se no edifício Cinda no centro de Petrópolis, mas a produtora também contava com um outro endereço no Rio de Janeiro na rua Álvaro Ramos.

Por estar sempre por dentro do mundo da política, César Nunes conhecia muita gente. De tanto estar à frente de sua equipe para captar as transformações por que passava o Rio de Janeiro e a cidade de Petrópolis, a sua aproximação com políticos era muito comum. Segundo o depoimento, César Nunes “se dava bem” com todos e era isento de preferências partidárias, preferia a zona neutra para ter acesso a todos e poder filmar sem problemas. A manutenção da produtora valia-se de contratos com a prefeitura e com o governo do Estado do Rio para divulgar os feitos e a agenda daqueles que ocupavam os lugares mais importantes da administração pública. Segundo o depoimento, César Nunes foi muito próximo do político Roberto Silveira. Por ser tão conhecido, o Sr. Márcio Nunes ainda conta que seu avô trabalhou como secretário geral de Juscelino Kubitschek, mas não por muito tempo e nem sabe dizer exatamente quando isso aconteceu. Juscelino chegou a oferecer um cargo a ele, mas César Nunes não aceitou, pedindo apenas permissão para ficar próximo às figuras políticas e ter acesso para a realização das suas filmagens. Não era caro aparecer em cinejornais, de fato era um bom investimento para as figuras públicas: o político Carlos Lacerda tinha a intenção de ser presidente do Brasil e teria contratado César Nunes para criar

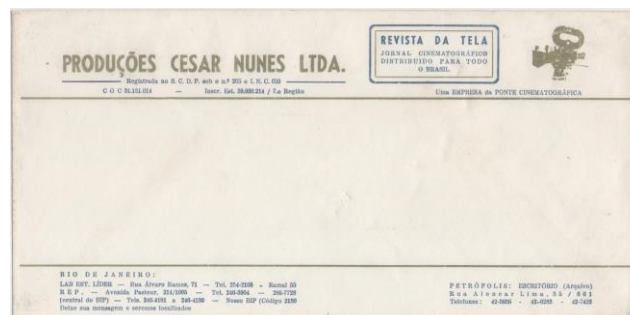
5

ciniejornais com a intenção de ser ainda mais conhecido e dar mais visibilidade à sua carreira política.

O ritmo de filmagem de César e sua equipe era frenético. Eles estavam sempre a gravar imagens diversas para alimentar seus ciniejornais. Com a intenção de divulgar a cidade de Petrópolis para vários estados, no meio de tanta produção, conseguiu captar as belezas de Copacabana no auge do seu glamour e prestígio. A equipe não era muito grande, mas era bastante competente. Para o transporte dos equipamentos e do pessoal serviam-se de uma Kombi totalmente personalizada. César Nunes trabalhava com seus dois filhos Paulo (pai do Sr. Márcio Nunes) e Renato. Existe um filme chamado “Uma jóia entre montanhas”, filme documentário lançado em 2014 produzido por Márcio Nunes e Alexandre Pena que contém depoimentos de antigos membros de equipe e de pessoas ligadas ao mundo do cinema jornalístico e que tem como tema principal o acervo e o legado da obra de César Nunes e o que ele fez pela cidade de Petrópolis.

A produtora ia bem até a morte prematura de seu filho Renato ocorrer, - César Nunes entristeceu-se tanto que não via mais motivação para continuar. Triste e com o humor muito ruim, beirando à depressão, não pensou duas vezes e resolveu parar com tudo e se desfazer de quase todo o acervo construído em mais de 40 anos de história. Um caminhão viria levar para longe o que traria lembranças de uma parceria tão fraterna. Foi nesse momento que parte do acervo foi doado para o Arquivo Nacional, pois tinha sido adquirido pela Associação Cultural do Arquivo Nacional e em seguida doado à instituição. Após a morte de César Nunes em 19 de fevereiro de 1990, o que restou do acervo foi transferido para uma garagem de uma casa da família na cidade de Petrópolis. Não é o ambiente ideal para preservar o que ainda se tem, mas foi a solução encontrada pelos familiares para não se desfazerem de um bem tão precioso. Como tive a oportunidade de visitar o local posso dizer que é um ambiente pequeno, frio e úmido, péssimo para a conservação de arquivos. É também um lugar muito simples. É nesse local que o Sr. Márcio Nunes pode receber pesquisadores interessados no trabalho da produtora e em ver o que ainda existe. Nas paredes da pequena garagem vemos recortes de inúmeras reportagens de revistas e de jornais contando a história da produtora. Fotografias antigas dos tempos áureos também estão presentes. Segundo informações do Sr. Márcio Nunes, no meio de todas as estantes encontram-se 1.820 filmes de

6
película 16mm e 35mm. Equipamentos antigos, pastas com documentos e certificados de aprovação na censura para os filmes, folhas com a redação de antigos cinejornais. Infelizmente não achamos os roteiros originais de “Belezas em desfile” e “A Cidade de Copacabana”. O estado de preservação de tudo é crítico. Márcio Nunes está periodicamente observando as latas, fazendo um trabalho de monitoramento contra fungos e outros problemas que podem estragar os filmes. Vez ou outra faz a limpeza destes, mas sozinho sabe que não consegue dar conta de tudo, sem contar que o preço dos produtos para a limpeza e conservação desse material é caro. A despesa é grande, mas Márcio faz tudo com a maior satisfação. Seu sonho é que possa ser criada uma fundação que se ocupe de preservar o acervo ou que alguma instituição se interesse e possa dar um tratamento digno para toda esta produção. Por enquanto é neste precário ambiente que muitas latas de filmes se encontram e que a memória dos feitos de César Nunes permanece.





Na publicação da Revista Acervo, do Arquivo Nacional, o técnico responsável pela guarda, organização e mapeamento do acervo de César Nunes, Marcus Vinícius Pereira Alves, relata como esse material doado à instituição chegou e quais foram os caminhos percorridos pela equipe para desvendar a coleção de cinejornais “Jornal da Tela” da Produções César Nunes Ltda., com cerca de 30 anos de produção cinejornalística sobre o Estado do Rio de Janeiro. As dificuldades encontradas, as condições de armazenamento das películas, e a separação entre imagens e sons foram como um verdadeiro quebra-cabeças para esses técnicos. Alves também sugere para uma melhor compreensão das imagens o confronto com outras imagens de referência, método sugerido também por José Inácio de Melo Souza, quando me referi a seu artigo.

Ao ler o artigo de Marcos Vinícius algo me deixou intrigada: ele relata que teve contato com os roteiros dos cinejornais, porém no Arquivo Nacional esses roteiros não estão à disposição dos pesquisadores, e o catálogo de seu acervo nem faz menção a estes. O que temos é somente a lista com os cinejornais que foram identificados e que estão disponíveis para consulta:

Os roteiros do acervo César Nunes, quando localizados, tornaram-se fundamentais na tarefa de identificação. Inicialmente dispersos, foram organizados por Ana Maria Brandão, que, dentro da proposta de partir das autoridades retratadas ou, na falta destas, das localidades, fez, sempre que

possível, o cruzamento de ambas. Incluem um título, em geral correspondente à cartela que dá título à reportagem, a descrição da ação, o local, as autoridades e personagens presentes, muitas vezes até com excessivo destaque para figuras de pouca expressão (como empresários locais, colonistas sociais etc.), tornando a narração uma leitura infundável de nomes que parecem fazer questão de se verem incluídos, talvez como forma de projeção no âmbito de seu município. Anotações manuscritas são vistas como recados do produtor para o locutor dando ênfase em alguma determinada palavra, mandando suprimir outra, ou fazendo até observações irônicas a respeito do próprio conteúdo das reportagens. Ocorrem também indicações da data em que a matéria foi filmada ou se esta foi selecionada para entrar no cinejornal Revista da Tela, produto final da empresa César Nunes Produções. Versões não utilizadas dos roteiros contendo correções do texto antes da edição final também são encontradas.(ALVES, 2003, p. 73)

Volto a dizer que na minha visita à Petrópolis em 2014, me empenhei em achar os roteiros de “Bezas em desfile” e “A Cidade de Copacabana”, e qualquer outro documento escrito que fizesse menção a esses cinejornais, porém não obtive sucesso.

O cinejornal “Bezas em desfile”:

As imagens são em preto e branco. O cinegrafista chama-se Francisco Coelho. O áudio foi preservado, enriquecendo a narrativa do filme com uma narração de voz masculina e música instrumental, o que dá às cenas retratadas um tom de pompa e glamour. Há um dado curioso que nos intriga: na abertura do cinejornal está escrito “Distrito Federal” o que reforça o fato do cinejornal ter sido rodado antes da capital federal ter sido transferida para Brasília (21.04.1960).



O filme mostra como a praia de Copacabana, atrai frequentadores assíduos, turistas, famílias e, principalmente, belas mulheres. A produção busca mostrar como uma faixa de areia pode concentrar tantas belezas de uma vez só. O clima do filme é de descontração e paz e é essa a sensação que se tem ao assistirmos às imagens. A sensação de paz: a praia como um paraíso, onde todos se divertem e todos são felizes, onde o mal não tem vez e ninguém está aborrecido. O cinejornal é um convite para ir à Copacabana e participar deste espaço de comunhão onde é oferecida descontração e lazer.

O texto que narra o filme é coerente ao que se mostra na tela e pode nos auxiliar o discurso por trás do filme. Nas linhas abaixo segue toda a sua transcrição:

“Copacabana, a expressão máxima em praias do mundo vibra nesses primeiros dias de calor.”;

“Turistas de vários países visitam-na levando gratas recordações.”;

“Traje apropriado para um dia abrasador como este.”;

“Copacabana com suas belezas é uma festa para os olhos de qualquer um.”;

“Aí um sorvete é a solução.”;

“Um pouco de movimento faz bem à saúde.”;

“As praias também apresentam os seus tipos originais.”;

“Sem dúvida a praia de Copacabana constitui uma das maiores atrações turísticas do Brasil.”.

As frases são bem simples e comentam as vantagens (“maravilhas”) de se estar na praia de Copacabana, um lugar que concentra belas mulheres, onde as pessoas se divertem, praticam esportes e que também é o ponto de encontro de turistas e famílias. O que está implícito neste discurso? Seria esse uma espécie de lugar perfeito? O cinejornal “Belezas em Desfile” narra as belezas da praia de Copacabana e desenvolve um discurso de ode à beleza, comparando a beleza da praia à beleza da mulher. Faz a propaganda da praia e retrata na maior parte de seu 1 minuto e oito segundos de duração na sua maior parte rostos e silhuetas femininas somente, generalizando a mulher que aparece nas imagens como um padrão de beleza. Percebe-se também que não há sequer uma pessoa negra sendo retratada nesse cinejornal.

O cinejornal “A Cidade de Copacabana”:

Já o cinejornal “A Cidade de Copacabana” vai falar do bairro de Copacabana de uma maneira geral e depois passa a falar com mais detalhes de seu principal atrativo: a praia de Copacabana.



O filme se inicia com cenas do Túnel Novo que liga o bairro de Botafogo à Copacabana. Percorre as ruas com automóveis em fluxo intenso e depois as cenas se passam na Avenida Atlântica, flagrando as pessoas chegando à praia e o passeio no famoso calçadão de pedras portuguesas brancas e negras com o desenho estilizado das ondas do mar. Finalmente o filme tem cenas das pessoas na praia e na água e termina com um panorama do bairro (a impressão que se tem é que as tomadas foram feitas do alto do Morro da Urca ou do Pão de Açúcar). Da mesma forma como fizemos no cinejornal anterior, vamos acompanhar nas linhas abaixo a transcrição do texto narrado desse cinejornal. Este também contará com um fundo musical instrumental para dar um tom ao filme, (o que de fato é comum à maioria dos cinejornais):

“Localizamos os dois túneis que ligam Botafogo e Copacabana.”;

“Pode-se mesmo afirmar que foram estes dois túneis que deram um maior incremento ao progresso da Zona Sul.”;

“Antes havia um só, o Túnel Velho. Que já se tornara pequeno e sem capacidade para dar vazão à sua vida, que começava a se agitar.”;

“A gentileza se inicia logo na entrada do túnel.”;

(Aqui aparece uma imagem com a placa: “Seja bem vindo – Copacabana”)

“Copacabana é hoje uma cidade independente com cerca de 600 mil habitantes.”;

11

“O seu tráfego é dos mais intensos.”;

“Quase todos os bairros do Rio são ligados à Zona Sul.”;

“Mas o principal atrativo do bairro, ou melhor, da cidade de Copacabana, é a sua magnífica praia, que atrai verdadeira multidão nos dias de intenso calor, coisa que é comum aos cariocas.”;

“Estendendo-se desde o Forte do Leme até o Forte de Copacabana, dizem os banhistas que ela é muito forte nas extremidades e excessivamente fraca no centro.”;

“Banhistas de todos os bairros a procuram para refrigerar-se e gozar as delícias do contato com a natureza.”;

“Toda a orla da Avenida Atlântica está edificada com belos prédios residenciais.”

“Bem vamos à praia?”;

“Mas os rapazes também desfilam.”;

“Uns levam bóia para flutuar. Outros, não precisam disso.”;

“Há o *footing* das garotas, que não gostam de aparecer.”;

“Ficar na areia para se portar um pouco é o predileto de muita gente.”;

“E quando a sede aperta, toma-se um refrigerante.”;

“O gostoso mesmo é cair n’água e aproveitar o rebuliço das ondas.”;

“Ondas fortes podem partir costelas! Mas existe um serviço de salvamento que é dos mais perfeitos.”;

“Os rapazes costumavam-se a aproveitar das ondas para tirar suas “casquinhas”, mas agora tem uma polícia aquática que estraga tudo.”;

“Quem visitar Copacabana e tiver muita sorte poderá partir sem levar saudades, mas duvidamos que isso aconteça, porque ela é uma das coisas mais belas que a natureza proporcionou ao Rio de Janeiro.”;

O que estes cinejornais podem trazer à tona?

Observando o discurso da narração dos dois cinejornais, vemos claramente que ambos são uma propaganda do bairro de Copacabana, um lugar apresentado como sem defeitos. No cinejornal “Belezas em desfile” o tema abrange como é bom estar na praia e como a cidade tem belas mulheres (imagens de diferentes mulheres aparecem o tempo todo). Em “A imagem: representação da mulher no cinema” a professora e cineasta Giselle Guberkinoff aborda a teoria feminista do cinema e sua atualização para a

12

realidade brasileira, partindo de um estudo da representação da mulher na mídia. Analisa elementos do *star system* americano, empregados para dar significação e que ajudaram a criar a imagem de uma mulher aprisionada a um conceito ideal de mulher, que, por sua vez, é amplamente explorada pelo mercado de consumo. No caso do cinejornal em questão a imagem da mulher aparece como propaganda de um lugar, a praia de Copacabana.

No cinejornal “A cidade de Copacabana” o convívio social é o tema central do cinejornal e retrata as pessoas indo à praia. Na história da evolução urbana do Rio de Janeiro, com a conquista do espaço em Copacabana nas primeiras décadas do século XX, o hábito de se tomar banho de mar e aproveitar a praia foi se intensificando. É o que relata Julia O’Donnell em “A invenção de Copacabana”. O livro conta o surgimento do bairro, considerado um dos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro e fala da chegada dos primeiros moradores e a sua urbanização. Propõe observar este espaço como um lugar privilegiado para um estilo de vida moderna, que atrai e fascina turistas até os dias de hoje.

Ainda sobre Copacabana outro autor importante, o antropólogo Gilberto Velho retrata em “Os mundos de Copacabana” um resumo da evolução urbana de Copacabana, e pontua as construções de habitações nesse bairro assim como faz um breve panorama/perfil de seus habitantes. Destaca também suas características de espaço turístico e transitoriedade, - quando no fim-de-semana pessoas de diversas partes da cidade vêm à sua praia para passar o dia. Na década de 1950, quando o bairro atingiu o seu auge, morar em Copacabana era sinônimo de sucesso: quem lá vivia era considerado bem-sucedido.

Uma crítica que queremos fazer aos filmes é que não há a aparição de nenhuma pessoa negra nos mesmos. Nenhuma mulher negra, nenhum homem negro, e nenhuma criança negra. O que será que aconteceu? Houve uma censura nesse aspecto?

O traje de praia feminino que aparece nos cinejornais com mais frequência é o maiô, apenas um exemplar de biquíni aparece no cinejornal “Belezas em Desfile”. No Brasil na década de 1960 o maiô ainda era muito popular. O biquíni vai se consagrando aos poucos e só vai se firmar na década de 1970.

13

Os dois cinejornais apresentados neste artigo podem vir a ser um ponto de partida para diversos pesquisadores analisarem: a questão do espaço, o bairro de Copacabana, a função social da praia e dos espaços de lazer, a figura da mulher e o vestuário. Lembramos que são imagens pertencentes a um arquivo público, que não discrimina o acesso de qualquer pessoa e que está ao alcance de qualquer pesquisador. Diferente de acervos de origem de empresas de comunicação que detém seus arquivos com intenções comerciais e de acesso restrito, a possibilidade de pesquisa em instituições públicas é inesgotável. Esperamos ter aberto a possibilidade que mais pesquisadores se debrucem nesses exemplares e que possam desvendar ainda mais aspectos da vida no Rio de Janeiro na década de 1960.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcus Vinícius Pereira. **Uma proposta de tratamento do Acervo César Nunes**. Revista Acervo, vol.16, Rio de Janeiro, 2003. Páginas 69 a 82.

ARQUIVO NACIONAL. **Catálogo dos filmes CESAR NUNES**. Rio de Janeiro, 2007. 1v. 65 p. dig.

GOMES, Renata Vellozo. **Cinema, Memória e Identidade**. 2004. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Cotidiano e Cultura – as imagens do Rio de Janeiro nos cinejornais da Agência Nacional nos anos 50**. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. PPGAV- EBA/UFRJ, 2007. Orientação Prof. Dr. Rogério Medeiros.

_____. **As possibilidades de pesquisa histórica em arquivos audiovisuais: um estudo das imagens do Rio de Janeiro nos cinejornais da Agência Nacional nos anos 50**. In: CD do Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, UNISINOS, São Leopoldo, 2007.

_____. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro na década de 1950: os cinejornais da Agência Nacional. In: CAVALCANTI, Ana (org.). **Arte & Ensaios n. 15**. Rio de Janeiro, PPGAV/EBA, UFRJ, 2007: 40-45.

_____. **Bezas em desfile**: uma proposta de leitura de cinejornal da década de 60. In: CD do Anais do XIV Encontro Regional de História – ANPUH-Rio, Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Revista Conexão: Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan/jun 2009.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Revista da tela **Bezas em desfile**. 1 min 8 s. Rio de Janeiro: César Nunes Produções, 196-.

Revista da Tela n. 76. **A Cidade de Copacabana**. 1 min 36 s. Rio de Janeiro: César Nunes Produções, 196-.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Trabalhando com cinejornais: relato de uma experiência*. In: CAPELATO, Maria Helena e outros (orgs.). **História e Cinema: Dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2007, p. 117 – 134.

Uma jóia entre montanhas. Direção: Alexandre Pena. 73 min. Rio de Janeiro, 2014.

VELHO, Gilberto. “Os mundos de Copacabana”. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.